



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS  
CURSO DE LETRAS- LÍNGUA PORTUGUESA**

**ANGÉLICA EVANGELISTA DA SILVA**

**O ROMANTISMO BRASILEIRO E O POEMA *NAVIO NEGREIRO***

**REDENÇÃO – CEARÁ  
2023**

**Angélica Evangelista da Silva**

O Romantismo brasileiro e o poema *Navio Negroiro*

O Romantismo brasileiro e o poema *Navio Negroiro* de Castro Alves. Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Vânia Maria Ferreira Vasconcelos

**Redenção-CE**

**2023**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Silva, Angélica Evangelista da.

S578r

O romantismo brasileiro e o poema Navio Negreiro / Angélica Evangelista da Silva. - Redenção, 2023.  
41f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Profa. Dra. Vânia Maria Ferreira Vasconcelos.

1. Alves, Castro, 1847-1871. O navio negreiro. 2. Romantismo.  
3. Literatura brasileira. I. Título

CE/UF/BSP

CDD B869.1

---

**ANGÉLICA EVANGELISTA DA SILVA**

**O ROMANTISMO BRASILEIRO E O POEMA NAVIO NEGREIRO**

Monografia aprovada como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras-Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, UNILAB – Campus dos Palmares.

Aprovada em: 10/07/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Vânia Maria Ferreira Vasconcelos – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

---

Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

---

Prof. Dr. Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

### Dedicatória:

Dedico a Deus por ter me ajudado chegar até aqui.  
Aos meus pais, irmãs, irmãos, avós, tio e minha tia  
que sempre me incentivaram muito nessa caminhada.  
Embora com tantas dificuldades, estes sempre me  
apoiaram.

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me ajudado chegar até aqui. Sem o seu suporte, eu não teria conseguido, pois eu e ele sabemos o quanto foi difícil toda essa caminhada, mas com sua presença do meu lado me fortalecendo, tudo isso foi possível.

Aos meus pais, irmãos, irmãs, tia, tio e avós por sempre terem me incentivado a seguir e não desistir, por inúmeras vezes me aconselhar e sempre me fazer entender que através dos estudos é possível sim mudar para melhor a presente realidade. Obrigada por todo o apoio.

As minhas amigadas, por estarem desde o começo dessa trajetória. Por compartilharmos diversos momentos, seja ele de risos, aprendizados, ou de preocupações em meio a muitos trabalhos. Vocês foram e são pessoas muito especiais que conheci durante todo esse processo, e que de certa forma, tornaram ele muito mais leve. Que a nossa amizade continue. Levarei comigo todas as lembranças.

A minha professora orientadora Vânia Vasconcelos por ter me dado todo o suporte na construção deste trabalho. A sua orientação foi maravilhosa. Obrigada por tudo.

A instituição Unilab por ser parte desta realização. Um lugar que aprendi e me apeguei tanto. Levarei comigo todas as lembranças deste ambiente incrível.

Aos professores/as que fizeram parte desta caminhada.

## RESUMO

O presente trabalho visa discutir o Romantismo brasileiro e analisar o poema *Navio Negreiro* e seu contexto social. Para isso, foi necessário comentar sobre a origem e difusão do Romantismo nos diversos espaços. Nisso, é apresentado o que foi o movimento, seu surgimento, contexto histórico, características e em quais países circulou. Ou seja, neste tópico ele está exposto de uma forma mais geral. Além disso, é mencionado alguns escritores europeus desse meio. Após essa seção, especificando ainda mais, discute-se o período do Romantismo no Brasil, como ele se estabeleceu, qual período se antecedeu a ele, contexto, as significativas contribuições do campo literário para a sociedade. Ainda mais é discutido também as três fases desse período, em que é dado um foco à mais a Terceira Geração ou também Geração Condoreira, pois é nesta que está o brilhante e diferenciado poeta Castro Alves na qual traz uma poesia social. Isso porque Castro Alves se posicionou contra o sistema escravista e por meio de sua poesia, representa e descreve claramente em suas obras as diversas situações de sofrimento que os escravizados povos africanos viviam. Assim, ele encontrou na poesia uma forma de denunciar aos absurdos de crueldade. Mais adiante se discute exatamente o contexto escravocrata no Brasil. E em seguida vem o tópico sobre o objeto poema *Navio Negreiro* e no subtópico seguinte, a análise de partes do poema. As partes escolhidas representam todas as outras de cada parte do poema, visto que o poema é composto por seis partes.

**Palavras-chaves:** Análise; Geração Condoreira; *Navio Negreiro*; Romantismo.

## ABSTRACT

The present work aims to discuss Brazilian Romanticism and analyze the poem Navio Negreiro and its social context. For this, it was necessary to comment on the origin and spread of Romanticism in different spaces. In this, it is presented what the movement was, its emergence, historical context, characteristics and in which countries it circulated. That is, in this topic it is exposed in a more general way. In addition, some European writers of this medium are mentioned. After this section, specifying even more, the period of Romanticism in Brazil is discussed, how it was established, which period preceded it, context, the significant contributions of the literary field to society. The three phases of this period are also discussed even more, in which a focus is given to the Third Generation or also the Condoreira Generation, as it is in this that the brilliant and distinguished poet Castro Alves is, in which he brings a social poetry. This is because Castro Alves took a stand against the slave system and through his poetry, he clearly represents and describes in his works the different situations of suffering that the enslaved African peoples lived. Thus, he found in poetry a way to denounce the absurdities of cruelty. Further on, the exact context of slavery in Brazil is discussed. And then comes the topic about the object poem Navio Negreiro and in the next subtopic, the analysis of parts of the poem. The chosen parts represent all the others of each part of the poem, since the poem is composed of six parts.

**Keywords:** Analysis; Condor Generation; Slavery; Romanticism.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. O ROMANTISMO: CONTEXTO HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS ...</b>	<b>12</b>
2.1 O Romantismo no Brasil .....	18
2.2 A Geração Condoreira e Castro Alves .....	22
2.3 O contexto escravocrata no Brasil .....	27
<b>3. O POEMA NAVIO NEGREIRO, DE CASTRO ALVES .....</b>	<b>30</b>
3.1 Análise de partes do poema .....	33
<b>4. CONCLUSÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>5. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>40</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso estuda partes do poema *Navio Negreiro* e o contexto do período chamado Romantismo Literário, no qual essa produção mencionada se inclui em uma das obras de Castro Alves, pertencente ao conjunto de poemas intitulado *Os escravos* (1883). Para isso, é fundamental que tenhamos algumas considerações breves sobre o Romantismo de uma forma mais geral, como por exemplo, conhecer sua origem e suas concepções no determinado período que se fazia presente, além de sua difusão nos distintos espaços. Desta forma, faz-se necessário nesta seção expor relevantes informações, assim como o contexto histórico do período.

O tema em questão foi escolhido pela afinidade e gosto que tenho pela literatura, além do motivo de já conhecer o poema de análise do trabalho, visto no ensino médio e em outras ocasiões. Com relação a ação de análise, já tinha realizado em outros trabalhos em algumas disciplinas do curso de Letras. Assim, dentre algumas opções de temas, o interesse foi na análise do poema *Navio Negreiro* e seu contexto no Romantismo brasileiro.

Será destacado nos tópicos adiante, como já mencionado, informações sobre o movimento romântico, como também sobre a obra literária e sua importância na sociedade. A obra em questão expressa de forma poética, o sistema e o processo do tráfico negreiro, algo absurdamente cruel, mas que, infelizmente, faz parte da história do país. Castro Alves tinha a intenção de fazer chegar sua obra nos diversos meios e chamar a atenção do público para o que estava acontecendo. Então ele encontrou na escrita poética, junto de estratégias, uma forma de denunciar e se posicionar diante de tal fato. Daí, entende-se o que se pode fazer com as diversas formas de produção dentro do campo literário. Diferente de um texto narrativo escrito, na poesia, Castro Alves pôde tratar de um assunto pelo caminho poético, que lhe permitiu usar a conhecida licença poética. Juntamente com textos de teor mais teórico, o poema ajuda o leitor entender e compreender o processo de travessia no Atlântico, ou seja, o transporte forçado dos Africanos para o Brasil nos navios negreiros. Daí a importância da obra do autor para a sociedade no meio literário e assim passar a ter o conhecimento dos fatos passados da história.

Para a construção desse trabalho, foram feitas várias pesquisas bibliográficas de trabalhos de autores para que dessem suporte ao desenvolvimento deste. Alguns deles são: Gomes (1996); Bosi (1994); Coutinho (2004); Paz (1984); Silva (2017); Theodoro (2008); Visentini (2014), Candido (2000); Rediker (2011).

Quanto à organização, ela está da seguinte forma: O Romantismo: contexto histórico e características. Nesta seção é discutido a origem do movimento, o que era o movimento, em quais lugares se expandiu, suas contribuições e principais autores. Após isso, vem os seguintes subtópicos: O Romantismo no Brasil. Aqui discute-se o movimento no país, o que se antecedeu dele, como aconteceu, suas contribuições e autores. Além disso, há as três fases e a importância de cada uma no movimento literário. Primeira delas é a nacionalista. A segunda, conhecida por “mal do século” carregada pelo pessimismo dos autores e por último a terceira geração, conhecida também por ‘Geração Condoreira’, voltada mais para uma poesia social, mas que também há espaço para o sentimentalismo. O subtópico seguinte é mais especificamente sobre a terceira geração e sobre Castro Alves, mencionando suas fases de escrever algumas de suas obras, seus amores e contratempos durante sua vida, como o acidente e problemas de saúde. Em seguida, o seguinte é voltado para o contexto escravocrata no Brasil. Posteriormente, inicia-se o outro tópico que é sobre o poema *Navio Negreiro*, e depois no subtópico deste, vem a análise de partes do poema. E por fim, a conclusão.

## 2. O ROMANTISMO: CONTEXTO HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS

Foi no século XVIII, na Europa, em específico, na Alemanha, que o Romantismo surgiu. Tendo início nas últimas décadas daquele século e se estendendo para o século XIX. Em meio aos movimentos das revoluções que influenciavam o homem moderno, como a revolução científica do século XV ao XVIII e a revolução francesa no século XVIII, surgiu um movimento diferente desses, partindo primeiramente dos alemães, em que tinha como objetivo buscar as características mais essenciais do homem diante de tantas situações durante esses movimentos citados, mais especificamente, os sentimentos, conforme compreendiam os artistas e intelectuais, que seria necessário buscar essa essência à vista das ciências e das técnicas.

Esse movimento se manifestou em oposição ao Classicismo, sendo composto por movimentos artísticos, filosóficos, literários e políticos, isso porque ele se manifestou em formas diferenciadas, como na literatura, pintura, arquitetura e música. Todas manifestações que carregavam um ar de subjetivismo, sentimentalismo, liberdade, imaginação, natureza e o nacionalismo. Ou seja, uma oposição ao movimento anterior, já que umas das características do Classicismo era a valorização da razão, a objetividade, equilíbrio, ordem e impessoalidade. Tudo isso com grande aproximação aos dois grandes eventos históricos que comandavam o cenário europeu, a revolução burguesa e industrial. Nesse contexto, os principais representantes foram Goethe (1749); Herder (1744-1803) e Schiller (1759-1805). Para os primeiros românticos, o autor não tem poder total sobre o sentido do que é dito. Este poder pertence à linguagem.

Pode-se dizer que o movimento romântico, assim como diz Paz (1984, p.83), foi um movimento literário, como também moral, erótico e político. Completando, ele diz ainda que: “se não foi uma religião, foi algo mais que uma estética e uma filosofia: um modo de pensar, sentir, enamorar-se, combater, viajar”. Foi “um modo de viver e um modo de morrer”. No mesmo sentido de Octavio Paz, para Charles Baudelaire (1821-1867), o Romantismo é “uma forma de sentir, e pode definir-se como: intimidade, pluralidade, cor e aspiração do infinito- exprimidos com todos os meios que dispõem as artes. ”

Levando para um contexto das literaturas, na espanhola e portuguesa, os primeiros grupos românticos aparecem em meio à terceira década do século XIX, em paralelo com

a implementação de regimes liberais nos dois países mencionados da Península Ibérica e ainda com a volta dos exilados que, na França e Inglaterra, conheceram as novas tendências estético literárias. O Romantismo teve como influência, a filosofia do Iluminismo de Jean Jacques Rousseau, que defendia que “O ser humano nasce bom, a sociedade o corrompe”, valorizando desta forma a natureza por oposição à sociedade.

Na maioria dos países da Europa, o Romantismo é visto como uma forma de arte e literatura, enquanto que na Alemanha foi uma busca conjunta que envolveu filósofos, poetas e pintores. Ele era caracterizado por uma perspectiva de mundo oposta ao racionalismo, o qual influenciou o período neoclássico. Ele foi caracterizado, inicialmente, por ser apenas uma atitude, um estado de espírito, e logo depois, tomou a forma de um movimento e um ar romântico passou a caracterizar uma ampla perspectiva do mundo no ser. Os autores deste meio, voltaram-se gradativamente para si mesmos expondo o drama humano, os amores desastrosos, ideias utopistas, além de desejos de fuga da realidade. Antes do movimento surgir, no século XVIII, tínhamos a objetividade, o Iluminismo e a razão e, depois, como ao longo do século XIX, seguido de mudanças, tivemos um tempo marcado pela emoção, lirismo e subjetividade (eu). Nesse campo, a obra literária já não é um espaço fechado de valores, mas sim um meio de comunicação determinada de conceitos práticos ao leitor em que muitas vezes encaminha pelos caminhos da denúncia social e empenho político.

A época romântica dividiu-se em três gerações: tem-se a primeira, centrada no lirismo e subjetivismo, o exagerado e a procura do exótico, de um lado, e o desacolhedor do outro; na segunda, tem-se a presença do pessimismo e uma certa apetência pela morte, naturalismo e religiosidade e, por fim, a terceira agiu como fase de mudança para uma nova e diferente corrente literária, que seria o Realismo, no qual predominou a denúncia dos males e vícios da sociedade. Desta forma, o movimento romântico contou como principais características temáticas: o individualismo, o subjetivismo, a idealização, o sentimentalismo exacerbado, o egocentrismo, a natureza e eu-lírico, conceito de beleza, historicismo, byronismo, nacionalismo e o orientalismo. Desse modo, compreende-se que o Romantismo no campo da literatura, sob a óptica estética, trouxe significativas transformações que até aquele momento eram objeto de convenções determinadas.

Em relação aos temas, eles se modificam. A imitação da natureza era para o escritor clássico, um local onde reside a beleza, não no específico, mas no geral. Era diferente a forma como o autor romântico procedia. Como o público do Romantismo não tinha uma ampla preparação literária, houve adaptação com uma implantação de

expressividade concreta rapidamente de fácil acesso dos materiais usados que dão estrutura delicada ao pensamento, na qual as principais características eram a forma declamação, hipérboles, imagens e exclamações, o uso do vocabulário completo em reportações concretas, poucas vezes seletivo, recurso ao romanesco, lance que prende a imaginação e tom de mensagem próximo da obra.

A ampla divulgação europeia do Romantismo pegou para si como românticas as proporções pré-românticas da Alemanha e Inglaterra, colocando como privilégio, o sentimentalismo. Assim, mundialmente, o Romantismo é uma ampliação do pré-Romantismo. Nos vários países como França, se sobressai Henry-Marie Stendhal (1783-1842), Victor-Marie Hugo (1802-1885) e Alfred Musset (1810-1857); em Itália, Giacomo Leopardi (1798-1837) e Alessandro Manzoni (1785-1873); em Portugal, Almeida Garrett (1799-1854) e Alexandre Herculano (1810-1877); em Espanha, José Espronceda (1808-1842) e José Zorilla (1817-1893).

O historicismo e o individualismo são as características fundamentais do assunto romântico, sendo o historicismo representado nas obras de Walter Scott (Inglaterra), Almeida Garrett (Portugal), Vitor Hugo (França) e José de Alencar (1829-1877), no Brasil, entre outros. Entre os conteúdos apresentados pelos autores estão as recuperações históricas afeiçoadas e nostálgicas ou também reflexões acerca do momento histórico do período. A linha, voltada para o individualismo, traz ao lado a prática do egocentrismo, descarregado de melancolia e pessimismo, isso pelo apego ao intimismo e princípios extremos na qual foram conhecidos de ultrarromânticos.

No Brasil, o Romantismo não chegou de uma forma tão simples. Antes dele realmente estar presente no país, ele atravessou um período chamado pré-romantismo durante os anos de 1808-1836, entre o término do auge da estética clássica e das referências árcades na qual foi relevante para os ideais e princípios românticos. Em seguida, se firmaram e se confirmaram de maneira resoluta à constituição dessa nova era, isto é, a era nacional da literatura. O Pré-Romantismo se configura em uma situação de coisas que ainda vem do momento das ideias do século XVIII, na qual, esse movimento teve uma grande colaboração dos franceses na nação, e que por conta disso, ficou conhecido como Pré-romantismo Franco-Brasileiro. Segundo Coutinho, “O Pré-romantismo é um corpo de tendências, temas, ideias, sem construir doutrina literária homogênea, com remanescentes clássicas e arcádicas, e elementos novos” Coutinho (2004, p.21). A tal denominação não foi dada sem um porquê, visto que, foi bastante a relevância que alguns franceses possuíram na construção da literatura brasileira. Assim

diz Wolf, em sua obra, *O Brasil literário* (1964): “foram os românticos franceses que, em grande parte, favoreceram o verdadeiro Romantismo nos outros povos novilatinos”. Além disso, a colaboração deles não se limitou somente no plano literário, mas também presente nos estudos naturalísticos e históricos da nova nação que no presente contexto tinha acabado de sair da dominação portuguesa. Entre os contribuintes da literatura brasileira, estão os franceses Ferdinand Denis, em que ele foi o primeiro e tem como obra publicada no país, *Resumé de l' Historie Literarie du Brésil* e Teodoro Taunay, escreveu a obra *Os Índios Brasileiros* (1830). Além destes, cita-se também Edouard Corbière, em sua obra *Èlègies Bréseiliennes* (1823) ele dialoga sobre a coragem dos indígenas que escolhiam a morte à escravidão.

Após esse período do Pré-Romantismo, o Romantismo teve seu início em 1836 com a publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves Magalhães. Foi neste período que o país progrediu na qualidade de nação independente e certamente procurou alavancar voos em áreas diversas, na qual a literária é uma delas. Um importante passo, visto que, antes disto, tudo aquilo que era produzido até o momento, era enviado para a Europa, de modo que a produção ocorria em solo brasileiro, mas as temáticas e formas de composição das obras literárias eram inspiradas em padrões da Europa.

Sem dúvidas, a literatura enquanto forma de arte assiste toda a dinâmica social e fatos do campo filosófico, político e econômico que são discutidas em obras de seus referentes períodos, isto porque além de explorar o lado artístico das coisas, ela também revela e reflete os acontecimentos da sociedade, sendo o século XIX marcado por fatos que modificaram o rumo político do antigo e recente mundo, como por exemplo, a Revolução Francesa. Foi um acontecimento importante que deu um grande avanço ao Romantismo e colocou em movimento a nova classe que se tornaria a burguesia dominante. Além do manifesto desse movimento filosófico e literário ter chegado na Inglaterra, Alemanha e boa parte da Europa. Devido ao Brasil ainda ser colônia de Portugal no século XVIII, sua literatura consequentemente não era livre. A vinda da família real, em 1808, para o país foi decisiva para a progressão da então colônia à sua emancipação. Dessa forma, enquanto nesse período o movimento romântico já existia em grande parte da Europa, ele ascendeu no Brasil somente no século XIX (1836), na fase posterior à independência em 1822.

Contextualizando um pouco esse período colonial do Brasil e sendo ele um fator de várias produções do Romantismo, é importante destacar que, primeiro, vários grupos surgiram durante o século XVIII. Sua finalidade era simplesmente deixar livre a colônia

do domínio português. A sociedade era composta por burguesia, clero, nobres, comerciantes, escravos, artesãos e estrangeiros que eram atraídos e vinham explorar as riquezas. Grande parte da população tinha o desejo de liberdade do comando português.

Ao final do século XVIII, a extração de alguns minerais e do ouro foi a falência, ocasionando um aumento fiscal e a partir dessa situação, em 1789, aconteceu a Inconfidência Mineira. Essa foi uma ação que tinha o mesmo objetivo como já mencionado anteriormente, isto é, romper a união da colônia Brasil e Portugal, sendo a sociedade brasileira que estava sob o poder lusitano. Uma influência que os revolucionários da Inconfidência tiveram, foi pelas ideias iluministas espalhadas pela Revolução Francesa em que o modelo democrático da Constituição norte-americana e pelas filosofias de Rousseau e Voltaire apoiavam o direito de igualdade a todos. Diante dessas atitudes, tinha uma adversidade, nem todos do grupo concordavam sobre o fim do sistema escravocrata já que uns eram contra e outros a favor. Os nomes que fizeram parte desse conjunto, foram intelectuais, alguns deles são: Alvarenga Peixoto, Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Joaquim Silvério dos Reis.

Mesmo com ideias e objetivos a alcançar, o grupo não conseguiu colocar em prática, já que, o último dos intelectuais mencionados, isto é, Joaquim Silvério dos Reis, acabou delatando sobre a revolução às autoridades do governo, que conseqüentemente, frustrou o empenho pela liberdade dos revolucionários.

Anos depois, muitos inconformados com a situação, foram surgindo vários outros grupos com esse mesmo intuito. Como por exemplo, em 1798, aconteceu a conjuração Baiana ou também conhecida Revolta dos Alfaiates, em que também tiveram como modelo exemplo, a Revolução Francesa. Era um grupo composto por escravos, ex-escravos, alfaiates, médicos, advogados e sapateiros. Lutavam assim como os outros, pela liberdade, igualdade, contra atitudes abusivas religiosas e pela República. Em 1801, em Pernambuco, ocorreu a Conspiração dos Suassunas. No Rio de Janeiro, se formou um grupo de intelectuais, Sociedade Literária.

O período de 1806 a 1836 em que surgia o movimento pré-romântico, como já mencionado, foi bem importante, visto que, houve destaque do papel da imprensa literária e política; influência das sociedades secretas ou literárias na direção do pensamento e ação; influência de Paris e estrangeira de Londres; oratória, que apareceu como uma voz responsável e como chance de difusão literária atingindo todas as camadas sociais sendo útil como estrutura no país. Nesse período, a capital do país era a cidade do Rio de Janeiro a qual ficou conhecida como “capital literária”, visto que existia um enorme movimento

da imprensa que mesclava conteúdos literários e políticos, colaborando para a construção cultural e política do país.

Em 1822, com a declaração da independência, consolidou-se o fim do período colonial. Entretanto, o Império Brasileiro continuou com a estrutura de produção colonial do sistema escravista. Isso devido ao “arranjo político” da alta sociedade agrária com componentes da Corte Portuguesa. Dessa forma, não houve, certamente modificação na estruturação produtiva, tampouco na sociedade brasileira, uma vez que, permaneciam os mesmos interesses da classe dominante, bem como, a escravidão que como sempre continuava sendo o sustentáculo da economia brasileira.

Sobre esse período, é importante frisar algumas informações importantes. Para se chegar neste momento da declaração da independência, houve vários acontecimentos, como movimentos culturais, econômicos, ideológicos e políticos. Tudo isso determinaram o trajeto da emancipação política brasileira. Algumas das razões para as revoluções liberais se dão pela causa do sentimento de insatisfação que são as mais óbvias, assim como especifica no trecho:

...os gastos do governo, os déficits crescentes, os empréstimos cada vez maiores feitos pelo erário real ao Banco do Brasil, a emissão descontrolada de papel-moeda, seguida de inflação, o aumento dos preços em particular dos serviços e dos bens produzidos dentro do país como aluguéis e os alimentos, a perda de poder de compra de quase todas as famílias, e também a falta de pagamentos por parte do governo. (CARIELLO; PEREIRA, 2022)

O momento era de crise econômica e política em 1820. Revoltas como as que aconteceram nesse período, algumas já vinham acontecendo. Esses acontecimentos se confirmam até mesmo pelos documentos e cartas que eram trocados entre os desembargadores, como por exemplo, o de José Albano Fragoso, em que o assunto era a questão da crise e suas possíveis consequências, assim como de informantes, intendente-geral de polícia e levantes militares. Um dos que expôs a situação foi o informante François-Raymond Cailhé de Geine. Entre essas questões, ele descrevia detalhadamente as queixas específicas dos grupos sociais e a insatisfação que tomava conta dos ambientes.

Com o crescente sentimento de revolta diante da insatisfação do governo, isso foi dando lugar à aproximação do momento do fim do absolutismo. De acordo com CARIELLO (2022), as primeiras cidades a se manifestarem contra os abusos do poder de D. João VI foram Porto, no norte de Portugal, em agosto de 1820, assim como também as sequências das revoltas militares no Pará, Bahia e, em seguida, no Rio de Janeiro. Tudo

isso contando com o apoio das populações urbanas. Além disso, uma das que foram importantes, foi a Revolução Pernambucana, em 1817 que ao certo, ela já fazia parte das contestações ao comando de D. João VI.

Entre as lutas pelos direitos, estava a liberdade de imprensa. Em julho de 1821, as Cortes aprovaram a legislação que abolia a censura prévia. Isso permitiu a propagação das ideias liberais.

Diante das revoluções regionais e da guerra do Paraguai, a qual o Brasil participou, integrantes do partido requerem alterações sociais e instituíram o Partido Republicano em 1870. A partir daí, efetou-se o declínio do governo monárquico que em 1889, resultou na Proclamação da República.

Destacando aqui os frutos do período romântico brasileiro foram, sem dúvida, muito ricos, visto que rendeu produções na prosa, poesia e teatro. O teor das poesias, nessa época, acomodava os ideais colocados em questão pelo movimento revolucionário do romantismo contrário às formas e temáticas clássicas. Esse foi o momento em que o poeta se viu livre para deixar fluir sua criatividade, diferente dos moldes da perspectiva aristocrática e clássica. É nas produções literárias que se nota as primeiras manifestações do ar carregado de sentimento de liberdade social, filosófica e política. Nessa primeira fase da poesia romântica, Magalhães foi um dos primeiros escritores que comandou esse momento em que seria conhecida como nacionalista devido ao seu espírito patriótico. Entre as características relacionadas às produções poéticas, elenca-se a simplicidade e melancolia, além de ser considerada singela e objetiva. Isso é o que se pode encontrar em *Canção do Exílio* (1843), de Gonçalves Dias. Essa produção foi escrita quando o autor se encontrava em Coimbra, Portugal. É um poema considerado como símbolo do Romantismo no Brasil. Analisando-o, percebe-se que ele é carregado de amor à pátria, o que também se pode notar a presença desse amor e sentimento de nacionalismo em outras obras. A natureza, por exemplo, é bem expressiva, significativa e reveladora em que se prefere a noite ao dia, porque à luz crua do sol, o real, coloca-se a frente ao ser, porém, é na escuridão que pulsam as potências da alma.

## **2.1 O Romantismo no Brasil**

Não há dúvidas que, positivamente, o Romantismo de uma forma geral, trouxe suas contribuições para a sociedade brasileira. Ele foi definido como sendo a voz instrumento que fez questão de acompanhar de perto a revolução burguesa, como também

a luta pela independência e da república, sendo a opressão política e exploração econômica, ações abomináveis pelos revolucionários que esperavam ansiosamente pela liberdade. Dessa forma, a literatura romântica foi, deste modo, um artifício de ação social e política, começando desde a independência.

Ela contribuiu de forma significativa com a autonomia da literatura brasileira, já que a partir dela, os gêneros literários conquistaram liberdade em seu conjunto de temas e formas, proporcionando aos literatos uma escrita de modo típico nacional. Característica do dialeto brasileiro, a linguagem foi uma forma de compreender e repassar pelas palavras o real sentimento do povo nativo. A inclusão do escritor na sociedade também foi a partir do movimento. O escritor fez-se planejador de transformações políticas e sociais em que através do campo literário, influenciou quem estava à sua volta. Por causa da popularidade do escritor romântico, ocorreu um aumento de público e interesse pela poesia, teatro e romance, fortalecendo a comercialização e desenvolvimento de livros, assim como a construção de outros espaços relacionados a esse meio.

De acordo com Paul Hazard, historiador francês *apud* COUTINHO (2002, p.30-31):

O Romantismo aparece, aqui, menos como uma doutrina do que como surto vital. Digamo-lo claramente: no Brasil, o Romantismo foi uma força religiosa, social, nacional. Ele não deu apenas a mais abundante florescência de romancistas e poetas; não restabeleceu somente as letras na alta dignidade que lhes competia; confundiu-se com a liberdade, com a existência mesma da jovem nação.

Dessa forma, é inegável a ideia que o Romantismo foi um movimento que contribuiu expressivamente para a literatura brasileira e passou a ser incluída na história do povo. Por meio das diversas formas de produções literárias, seja poesias, prosas, narrativas, essas tomaram a ação de mostrar a história em seus aspectos, como a sociedade, a natureza, os dramas e problemas particulares do país.

Na perspectiva de Candido (2000, p.15), o movimento romântico foi “um espírito diretor que animava a atividade geral da literatura”, além de que junto com o nacionalismo, ele foi um dos aspectos básicos da renovação literária. No seguinte trecho ele diz: “À maneira do Arcadismo, o Romantismo surge como movimento de negação: negação neste caso, e na literatura luso-brasileira, mais profunda e revolucionária, porque visava redefinir não só a atitude poética, mas o próprio lugar do homem no mundo e na sociedade” além disso, ele pontua que: “O Romantismo, porém revoca, tudo a novo juízo: concebe de maneira nova o papel do artista e o sentido da obra de arte, pretendendo

liquidar a convenção universalista dos herdeiros de Grécia e Roma, em benefício de um sentimento novo, embebido de inspirações locais. A atitude romântica, de certa forma, se revela mais na poesia, no drama e romances de predisposição poética. Conceito de missão é uma contribuição típica do Romantismo para a caracterização literária em que em algumas fases, os poetas se sentiram frequentemente, “portadores de verdades ou sentimentos superiores aos dos outros homens: daí o *furor poético*, a inspiração divina, o transe, alegados como fonte de poesia.”. Candido (2000, p.25). Ele não apenas retoma em alto estilo as explicitações da técnica de criação, como lhe inclui a ideia de que sua atuação satisfaz a um compromisso de beleza, ou de justiça. Um compromisso concretamente “espiritual”, para uns, para outros, compromisso social, e para todos no geral, a visível representação de um caminho superior, conduzido por uma capacidade superior.

No Brasil, o Romantismo teve suas fases, ou mais especificamente, três gerações na qual cada uma apresenta características únicas. Primeiramente, se menciona a geração romântica, conhecida como geração Nacionalista ou Indianista. Nela há a supervalorização do país, em especial, aos primeiros povos que habitaram no território, ou seja, os indígenas em que foram bastante mencionados pelo já mencionado autor, Gonçalves Dias, considerado por Alfredo Bosi, como o que tem o ar de poesia romântica brasileira literária, ou seja, a que melhor expressou a determinação entre as pontas da “expressão e construção”. Ele foi o primeiro a descrevê-los como heróis do país, não apresentando marcas ou valor europeu. Além de Gonçalves Dias, outros importantes autores fizeram parte dessa fase, que são Gonçalves de Magalhães, como já mencionado, e Araújo Porto-Alegre.

Uma das obras bastante conhecida do autor Gonçalves Dias é o poema *I-Juca-Pirama*, escrito em 1848. Nele, pode-se perceber as características da valorização de uma tribo e um indígena e sua grandiosidade. Além disso, o autor fala de sua dignidade e valentia por rejeitar a lutar e argumenta para não morrer depois de ser pego pelo Timbiras, uma tribo inimiga. Porém, em seguida, ele volta para lutar e lavar sua honra a pedido de seu pai que estava doente e cego. Além do mais, mostra musicalidade e fluência da produção poética, o que pode ser levar em consideração a hipótese da musicalidade relacionada aos rituais indígenas em razão do ritmo.

Vale ressaltar também que, um dos mais importantes desse período foi José Martiniano de Alencar Junior, ou também conhecido popularmente José de Alencar. Uma das obras mais conhecidas é *O Guarani* (1857), também considerado um dos importantes

representantes do Indianismo. Um romance de uma leitura que chama atenção e desperta a curiosidade do leitor em saber as próximas partes.

Posteriormente, a segunda geração ficou conhecida como ‘mal do século’, isso, pelo fato de estar presente o sentimento de pessimismo, individualismo e morte, tirando um pouco de foco do Indianismo, mas havendo ainda persistência ao patriotismo e clamor da terra. Era um destaque do amor excedido, ou possa-se dizer, do ultrarromantismo. Entre os autores em destaque neste período destaca-se, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Junqueira Freire. No poema *A D. Pedro II*, do autor Fagundes Varela, tem-se o forte clamor do patriotismo e do alicerce à corte Brasileira. O enaltecimento, muitas das vezes, encontra-se em confronto com a inconformidade e a desarmonia à sociedade, o que de certa forma, leva-o a produzir acerca dos problemas sociais, achegando-o da poesia condoreira. Boa parte das produções da geração foi influenciada pelas obras dos poetas Alfred de Musset e o britânico Lord Byron. Seu início foi marcado pela publicação de *Poesia*, em 1853, de Álvares de Azevedo. Entre as características já citadas acima tem-se também a presença da melancolia, fuga da realidade pelos Ultrarromânticos, sentimentos relacionados ao gosto pela morte, sentimentalismo exagerado, temas fúnebres, mulher idealizada, apego pela vida boêmia, ou seja, pode-se dizer que as produções desse período foram, de certa forma, uma espécie de desabafo dos poetas relacionados aos problemas sentimentais e situações tristes pelos quais estão passando. Uma curiosidade que chama atenção, por exemplo, é que os poetas do Ultrarromantismo faleceram ainda jovens, isso devido a vida sem regras, isto porque faziam o uso excessivo de cigarros e bebidas, além da falta de cuidado com a saúde. Casimiro foi exemplo disso, pois morreu com apenas 21 anos.

Por fim, menciona-se a terceira geração romântica, conhecida por Geração Condoreira, marcada pelo liberalismo, temas abolicionistas, representação das condições em que se encontrava os escravizados, ou seja, voltada para uma poesia social. Além de caracterizada pelas formas de pensar e expor, é atribuído também a expressão de um desejo por uma humanidade que preze pela igualdade, justiça e liberdade. Essa foi a geração que mais teve influência francesa, e isso faz se remeter lá no início do período em que os franceses designaram a literatura romântica no Brasil. Dessa última geração, os poetas mais relevantes e prestigiados são Joaquim de Sousa Andrade, Tobias Barreto, Sílvio Vasconcelos, Joaquim Nabuco e Joaquim Sousa de Andrade, conhecido também como Sousândrade, que traz em seus poemas a temática do amor com assuntos sociais. Além desses, o grande nome da poesia, Castro Alves.

## 2.2 A Geração Condoreira e Castro Alves

A Geração Condoreira foi uma geração que teve como característica seu relevante alcance e intensidade marcada por ideias que chegaram partindo de um olhar crítico e mais profundo do contexto social. Nessa perspectiva, surgiam os questionamentos e críticas ao regime político vigente e a escravização. A partir desse momento da literatura, a estruturação da concepção eram exatamente as ideias abolicionistas, liberais e republicanas. É importante ressaltar que mesmo que a geração tenha sido marcada pelo foco voltado à realidade social e a crítica à sociedade diante de sérias situações, ela apresentava ainda um certo nível de envolvimento com o sentimentalismo a qual o eu-lírico revelava seu parecer de determinada situação de acordo com sua perspectiva de mundo e, a partir disso, passava tornar visível suas emoções. Além disso, também é relevante deixar claro que a natureza e seus elementos foram instrumentos que desempenharam papéis importantes na construção das produções dos poetas. Esses elementos eram utilizados muitas vezes com finalidade de serem relacionados às metáforas e comparações. Por exemplo, as comparações são formadas a partir de componentes do meio ambiente que preconizam a imensidão e a infinidade. A intensidade como recurso essencial desta geração nas composições da obra, sem dúvidas, anda ao lado desse extenso conjunto de aspectos característicos, uma vez que, havia uma finalidade/objetivo de cada produção.

Um significativo exemplo de quem usou tudo isso em várias produções, foi Castro Alves. Inclusive, ele ficou conhecido como principal poeta que se destacou com sua poesia característica, diante dos seus movimentos neste período. Em relação às influências desse, esse momento da literatura é caracterizado pela forte influência das ideias evolucionistas e positivistas. Além disso, juntamente com estas, teve forte influência, especificamente, do poeta romancista francês Victor Hugo. Na verdade, a inspiração fez parte também. Victor Hugo, da segunda geração europeia, foi poeta, escritor, dramaturgo e estadista francês. Nasceu em 1802 e faleceu em 1885. Um dos aspectos que o poeta retratava, era a condição humana, tanto no que diz respeito à classe social, denunciando a miséria, quanto sua defesa da liberdade, justiça social e igualdade. Vale destacar algumas produções bastante conhecidas dele, que são: *Os Miseráveis*, *O corcunda de Notre Dame* e *O homem que ri*. Em 1848, conquistou uma vaga na política e tornou-se deputado em Paris. De início, ele defendeu Napoleão III, entretanto, ficou

desapontado com sua governança, e desde então, passou a ser um crítico político revolucionário. Com isso, ele foi perseguido, e teve que se refugiar em Bruxelas, lugar onde viveu num total de 18 anos. Em 1876, retornou para Paris e dessa vez foi eleito Senador a qual como na primeira vez no espaço político, continuou sua luta pelo direito do povo. Após sua morte, suas obras atemporais repercutiram por muitos séculos.

Na mesma proporção dos ideais de Victor Hugo, os poetas da terceira geração do Romantismo no Brasil tratavam também dessas questões sociais, uma vez que, o contexto histórico do Brasil era de muita injustiça, já que atravessávamos o período escravocrata, sendo esse um expressivo motivo para que os poetas tratassem dessa temática em suas obras. A causa abolicionista era uma necessidade e os poetas se dedicaram a ela, principalmente, Castro Alves, responsável por várias obras direcionadas ao momento, como exemplo, a obra *Os escravos* (1883). Como Victor Hugo, os poetas da geração tinham essa mesma perspectiva, o poeta francês era admirado por sua forma de pensar, obras e forma poética pelos poetas brasileiros. Assim, ficaram sob forte influência, uma vez que fizeram do modelo de poesia do poeta francês que era libertária e social, um exemplo inspirador que foi seguido em suas produções. Ao contrário das gerações anteriores, essa apresenta oposição ao amor platônico.

Assim como mencionado acima, essa geração ficou conhecida como Geração Condoreira e a organização literária, como condoreirismo. Abordando mais sobre a explicação para o nome, é certo que, essas definições se referem à ave condor, que simboliza a liberdade além de uma ampla visão e poesia sublime. Tudo isso expressivamente valorizado pelos os autores da geração. Contextualizada sua importância nas produções literárias, o condor vive nas alturas das cordilheiras dos Andes e apresenta uma considerável medida de extensão e força. Sendo assim, como ave escolhida, os poetas a usaram como uma metáfora para assim dilucidar seus ideais de liberdade social, artística e política.

Colocando como foco, particularmente, o nome do brilhante e marcante poeta da geração, Castro Alves, é relevante frisar algumas considerações sobre sua história e seus escritos, visto que um de seus poemas será objeto de análise deste trabalho. Tomando como base os textos de Eugênio Gomes “Castro Alves e o Romantismo Brasileiro” (1996) e Alfredo Bosi “História concisa da literatura” (1994).

Castro Alves nasceu no Estado da Bahia em Muritiba no ano de 1847. Sua mãe chamava-se Clélia Brasília da Silva Castro, falecida quando o poeta tinha 12 anos e seu pai chamado Antônio José Alves. Estudou numa antiga e prestigiada escola chamada

“Ginásio Baiano”, localizada em Salvador. Em 1853, mudou-se com a família para a capital, estudou no colégio de Abílio César Borges, e lá conheceu seu colega Rui Barbosa, um jurista, político e escritor e que fundou com ele a sociedade abolicionista, foi também um importante nome da terceira geração. Além de Rui, outros poetas como Fagundes Varela, e José Bonifácio foram companheiros de Castro Alves, foram incentivadores e tinham as mesmas ideias. Desde esse momento, Castro Alves já demonstrava uma forte paixão pela poesia. Após um tempo, mudou-se para Recife em 1826 e lá matriculou-se em Direito e em 1864, começou a estudar na mesma turma que Tobias Barreto, filósofo, jurista e poeta, foi um grande amigo e admirador, um grande nome da geração também. Nesse período, Castro Alves já começava a campanha liberal-abolicionista. Em 1865, começou com os seus primeiros poemas do livro *Os escravos*, em que tempo depois interrompeu o preparo. Nesse período, ele se integrou realmente na vida literária acadêmica. Logo depois, em 1866 perdeu seu pai, e em seguida iniciou um relacionamento com a portuguesa Eugênia Câmara, 10 anos mais velha, e que, de certo modo, teve um papel importante na vida e lírica de Castro Alves.

Sendo ele um poeta com grande inspiração e consciência do seu papel social, escreveu o drama *Gonzaga*, e em 1868, foi para São Paulo com sua companheira. Lá, matriculou-se no 3º ano da faculdade de Direito. No final do ano, seu drama é representado com êxito, porém, ele naquele momento se encontrava abatido pela ruptura do relacionamento com sua amada Eugênia a quem foi para ele inspiração de várias poesias, como por exemplo, *O “Adeus” de Teresa e Boa noite*. Daí em diante aconteceram várias situações em sua vida, além da separação com Eugênia, ele, em 1869, se acidentou com uma espingarda e amputou o pé, tendo o agravante de que também se encontrava com a doença tuberculose. Em busca de se recuperar, ele voltou para a Bahia onde passou boa parte do ano de 1870. Tendo como inspiração e junção dos sucessivos acontecimentos, surgiu *Espumas Flutuantes* (1870), na qual segundo Ramos (1996, p.26), é o símbolo da transitoriedade. Ainda de acordo com Ramos (1996, p.27), “é a história, não só de seus amores, mas também de suas reações, em geral, perante a vida, o mundo e a arte”. Esta foi a única produção que o poeta teve a oportunidade de publicar em vida, já que morreu ainda muito jovem, tendo ele apenas aos 24 anos em 1871. Ainda em vida, depois de Eugênia, ele ainda se mostrou empolgado pela cantora italiana Agnese Trinci Murri, para quem lhe fez várias belas poesias.

Enquanto poeta social, agudamente sensível aos interesses liberais e revolucionários do século XIX, o poeta, pelo conhecimento da obra de Heine e nas ideias

de Victor Hugo, um de seus fortes influenciadores, teve a experiência de viver com veemência os consideráveis acontecimentos históricos do seu tempo em que foi ele no Brasil, um importante simpatizante da abolição da escravatura e também das liberdades públicas, sendo comprometido e engajado na causa abolicionista, onde ficou conhecido também como poeta dos escravos. Assim, há dois sentidos que se diferenciam na poesia de Castro Alves: um é o aspecto lírico-amoroso, cabendo expressar desejos, e o outro é o aspecto social humanitário. Segundo Bosi (1994, p.123), a indignação como instrumentos intenso da arte revolucionária, ativa nos escritos do poeta, as “imagens grandiosas” que tendem à natureza, à divindade, à história personalizada e o material para metáforas e comparações. À natureza, ele agrega aspectos de imensidade e infinidade, como por exemplo, os espaços, os astros, o oceano, o vasto “sertão”, vasto universo, os tufões, as procelas, os alcantis, os Andes, Himalaia, águia e o condor. Além disso, há também as imagens topográficas de uma grande expressividade, efeito poético através das palavras, contraste das ideias do mundo moral com as representações do mundo físico, o antropomorfismo (visão de mundo, buscando a compreensão da realidade circundante), além dos recursos como hipérboles e antíteses.

Sobre a obra já citada, *Os escravos* (1883), nela, pode-se perceber o quanto o poeta Castro Alves através de seus poemas, mostrou-se totalmente contrário ao que estava acontecendo naquele período colonial, ou seja, o trabalho escravo. Ele representa nos seus mais variados poemas o sofrimento a qual os escravizados eram submetidos, além do desespero e dor do que era ser tirado de sua terra forçadamente para uma outra onde seria cruelmente maltratado, sendo sua poesia reveladora de alguns aspectos e episódios mais dolorosos, e comoventes do escravismo. Escrever poemas sobre tal prática, foi uma forma de denúncia e manifesto que o poeta fez contra os horrores praticados pelos colonizadores portugueses. E dessa forma, chamar a atenção do leitor para a barbaridade praticada contra os povos africanos. Assim como em *Navio Negreiro*, de Castro Alves, o poema de Heine (1797-1856), intitulado *Das Sklavenschiff* (1854), que traduzido é *Navio Negreiro* também, trata do mesmo tema, mas de forma diferente, isto é, os dois representam através da escrita a exploração e maltrato do homem pelo homem. Antes do poema de Castro Alves, o de Heine já estava escrito, sendo assim, Alves conhecia o de Heine.

Em relação às formas diferentes que são tratados o mesmo tema dos poemas, assim diz o trecho do trabalho de Heise (1998, p.32):

Heine, em seu poema, é essencialmente narrativo; Castro Alves, lírico, com forte pendor apelativo, que empresta à sua poesia qualidades dramáticas. O poeta brasileiro tenta convencer pelo excesso, o outro pela sugestão; enquanto um e

hiperbólico, o outro mostra sua ironia cáustica. Se Castro Alves é desmedido, Heine é comedido. O poeta alemão é criticamente distante, o brasileiro, emocionalmente catártico. Partindo do mesmo fato histórico, Castro Alves faz apelos morais e humanitários, concretizando, com sua poesia, a tendência messiânica do romantismo, ao mesmo tempo que apresenta reunidos dois aspectos concomitantes de sua obra: a poesia pública e privada, a sociedade e o *eu*. Já a identificação total do *eu*, com qualquer causa, é estranha a Heine. Sua postura fundamental e a da distância, de observação dos fatos com o "olhar de fora", foco de percepção daquele que não se sente atingido como parte do processo, mas que por isso consegue maior densidade crítica. Ele é o viajante que se propõe a interpretar outros contextos socioculturais, sem abandonar sua prerrogativa de autonomia. (1998, p.32)

Segundo Cândido (2000, p.242), há em Castro Alves “o sentimento da história como fluxo, e do indivíduo como parcela consciente deste fluxo.”. Exatamente por isso ele construiu uma visão ampla e humana do escravizado, visto que essa é um símbolo de uma problemática permanente. Muitos de seus poemas contém a incontinência verbal expressa pela floração de oradores, o que existe também na poesia de muitos poetas, como, Pedro Luís, mas é na de Castro Alves que ela chega no mais alto ápice, dando à sua escrita o poder de comunicabilidade. Ainda segundo Cândido (2000, p.243), que aponta como aspecto negativo, há semelhanças das hipérboles, algo excessivo que causa “embriagues” no leitor. Assim, como também as inúmeras vezes usada a palavra “orquestra”. Destaca-se também a inconsciência da função da imagem, pelo uso excessivo mais uma vez dos “apostos e a superposição de imagens sobre um tema ou emoção”. Foi um poeta que não se contentava com o essencial, pois ainda de acordo com Cândido (2000, p.245), “uma vez embriagado”, sobretudo no discurso humanitário, vai implacável às últimas consequências. Entre os aspectos chaves, estão o “belo sublime” nos discursos pelos versos e a força da eloquência.

Em *Navio Negreiro*, Cândido (2000, p.246), “é lançado numa admirável parábola; mas apesar toda a energia condensada nele, há uma margem inexpressa de ressonância, que precisa ser pressentida para compreendermos sua aspiração ambiciosa”.

Por Castro Alves foi dado ao escravizado, grande ênfase e estendido o manto da poesia, considerando-o como herói e ser integralmente humano.

Com relação ao tema escravo na literatura, foi preciso que os poetas e romancistas conseguissem ultrapassar as barreiras sociais, psíquicas e estéticas existentes para assim conseguir chegar a finalidade de inserirem o negro na literatura. Assim diz o seguinte trecho:

Castro Alves se tornou o poeta por excelência do escravo ao lhe dar, não só um brado de revolta, mas uma atmosfera de dignidade lírica em que os seus sentimentos podiam encontrar amparo: ao garantir à sua dor, ao seu amor, a categoria reservada aos do branco, ou do índio literário... (2009, p.249)

Sobre o belo tratamento lírico, o *Navio Negreiro* é o menos rico sobre este ponto de vista, “mas nele a poesia oratória alcança uma grandeza sem desfalecimento, uma beleza presente em cada verso, cada palavra, deixando, depois de lido, uma ressonância que sulca o espírito...”. (2000, p.249). Isto é, sente-se através da palavra no poema, a pressão, seja nas imagens visuais, a grandiosa expressividade, ou os vocativos.

### **2.3. O contexto escravocrata no Brasil**

Tomando como base o livro *História da África e dos Africanos*, mais especificamente o capítulo que tem por título ‘As relações Brasil-África: da indiferença à cooperação’, de Paulo G. Fagundes Visentini e o texto de REDIKER (2011), podemos ter uma visão do esquema do tráfico negreiro. Com o aumento da expansão mercantilista portuguesa, meio ao período do século XVI, o tráfico de milhões de africanos para o Brasil colônia começou a ser praticado para preencher a demanda de mão de obra, sendo ela o esteio das conexões de trabalho no período colonial. Eles eram capturados na África e trazidos forçadamente para o Brasil nos navios negreiros pelo oceano atlântico no mais absurdo e doloroso estado. Chegando no país, eles eram submetidos ao trabalho escravo. Antes da escravização dos povos africanos, os colonizadores se apossaram da escravização indígena. Depois disso, foi em 1538, que aconteceu a primeira leva de escravizados. A partir daí, é marcado o início de uma extensa fase de ligação, apoiada, pelo tráfico, que em tese, se prolongará até 1850. No texto de REDIKER (2011), é descrito vários relatos de histórias dos escravizados nas viagens pelo Atlântico, de tudo que passavam dentro do navio negreiro, uns chegando a ter atos de resistência. É inegável que o tráfico negreiro foi uma prática que transformou o mundo contemporâneo e se tornou uma das bases para a ascensão do capitalismo. As histórias contadas representam a de inúmeras outras que viveram a mesma barbárie e transparece toda a crueldade em um negócio em que tinha como mercadoria principal, a carne humana. Entre as histórias há as de capitães líderes de aldeões que lutavam para protegerem suas comunidades dos traficantes, mas que eram capturados e diversas vezes resistiam e acabam sendo castigados e depois eram vendidos, histórias daqueles que eram capturados e eram pegos tentando fugir e, com isso, sofriam as mais perversas crueldades chegando até serem

mortos de forma trágica, além dos relatos dos marinheiros que muitas das vezes acabavam tendo consequências pelas suas escolhas de estarem naquele meio.

Assim confirma o seguinte trecho de REDIKER (2011, p23) sobre a prática do tráfico:

Pessoas de todos os tipos — homens, mulheres e crianças, negros, brancos e de todos os matizes intermediários, da África, da Europa e das Américas — foram tragadas pelo turbilhão em movimento, surreal, do tráfico. Entre elas se encontravam, na base da pirâmide, um vasto e humilde proletariado, centenas de milhares de marujos que, vestidos com seus calções cobertos de piche, subiam e desciam apressadamente os degraus das enxárcias do navio negreiro, e milhões de escravos que, em sua nudez, amontoavam-se no convés inferior. Elas incluíam, no topo da pirâmide, uma pequena, ativa e poderosa classe atlântica dominante, composta por comerciantes, fazendeiros e líderes políticos, que, cheios de babados e atavios, tinham assento no Congresso Continental Americano e no Parlamento inglês. O “grandioso drama” do comércio humano também tinha entre seus personagens piratas e soldados, pequenos comerciantes e gente que fazia greve de fome, assassinos e visionários. Muitas vezes eles se viam rodeados por tubarões. REDIKER (2011, pág.23)

De uma forma mais ampla e detalhada, a escravidão já há algum tempo acontecia na Europa e era também vista pelo viés da conformidade, quer dizer, para eles, ela era justa, porque tinha a autorização da igreja católica em que, através da bula papal (documento selado como o timbre do papa, em que ele se manifesta sobre determinado assunto administrativo da Igreja, seja religioso ou político.) de 1492, dava o direito aos portugueses de sujeitar os pagãos à escravidão perdurável.

Na visão dos Portugueses, o trabalho negro escravo era apontado como melhor do que o indígena, assim, ele logo tornou-se um enorme lucro/ganho para a Coroa e para os traficantes de escravizados. Como já destacado anteriormente, eles eram trazidos em porões de navios, conceituados também como “túmbeiros”. Eram locais demasiadamente sórdidos e que excedia lotação. Além de todas essas péssimas condições, tinham que aguentar uma longa viagem. Não se sabe ao certo quantos escravizados não resistiram à viagem, mas segundo o site BBC, estima-se que cerca de 10% e 20% não sobreviviam à travessia do Atlântico.

Segundo informações de um outro portal de notícias, que é notícias uol, a estimativa atual é que 45% de escravizados rumo à América eram trazidos para o Brasil. Ou seja, cerca de 5,5 milhões. Os locais onde eram comercializados eram em Salvador, nos portos de Recife e Rio de Janeiro. Após isso, eram levados para as fazendas a qual passavam a morar nos porões, isto é, as senzalas. Esse, é um local que fica em baixo na casa grande onde residiam seus “donos”. Em resumo, era um espaço nada digno, sendo

cenário de diversas atrocidades. Ter escravos naquele período consistia num status de prestígio e ascensão social.

A historiografia aponta a grande colaboração africana para a construção da sociedade brasileira nas diferentes áreas, como arte, cultura e religião, entre outros aspectos raciais. Além disso, trouxeram técnicas interessantes e precisas na agricultura, como combate às enfermidades e à pecuária, levando em consideração que os conhecimentos dos portugueses não eram adequados para o desenvolvimento da região. Entre esse período, houve a movimentação de um fenômeno que, prosseguiu, paralelamente: o retorno de ex-escravizados para a África, em particular, para o Golfo da Guiné.

Com a finalidade de acabar com essa prática, houve pressão inglesa para que chegasse o fim do tráfico negreiro, além do mais teve também a promulgação da lei *Bill Aberdeen* em 1845, em que tinha como objetivo aprisionar qualquer navio que conduzissem escravizados, o que causou o crescimento incomensurável do tráfico clandestino. Na tentativa de ampliar seus “estoques” de escravizados antes do fim definitivo do sistema, levou os proprietários brasileiros a descapitalização e endividamento. Logo depois, o Estado teve reação, publicou a Lei Euzébio de Queiroz em 1850, que pôs um “fim” ao sistema escravocrata. Entretanto, segundo Visentini (2014), mesmo com essas decisões, foi iniciado o permeado pela ideologia de “branqueamento”, isto foi acompanhado pelo pensamento de formação de uma sociedade “branca ocidental”, na qual incentivou a imigração de trabalhadores europeus.

A exportação de café, era a base da economia, onde a mais significativa produção estava localizada no Centro-Sul, especialmente em São Paulo. Em 1870, houve o declive do Império, isso devido aos tempos atuais e aos novos pensamentos. Ao longo dos anos foram surgindo as leis a favor da liberdade dos escravizados como, Lei do Ventre Livre em 1871 que tinha como objetivo libertar os filhos de escravizados que nasciam depois do ano de sua publicação. A Lei dos Sexagenários em 1885 que estabeleceu que os escravizados com idade maior que sessenta anos fossem rapidamente libertos. E só apenas em 1888, foi decretada a Lei Áurea, contudo, na prática, não foi tão efetiva, visto que, não houve o pensamento de garantir ao ex-escravizado liberto, uma inclusão na sociedade brasileira.

Considerando tudo isto, é perceptível que o tráfico de escravizados e a *plantation* açucareira construíram as bases da história dos dois extremos do Atlântico Sul. Mesmo com o fim do tráfico negreiro, se encontraram contradições, visto que, os escravizados

continuariam sendo a mão de obra prima no tempo do café a partir da compra de mão de obra da Região Nordeste. Por causa desse motivo, não houve significativas modificações para o povo, que mais uma vez permanecia à margem da sociedade.

Nas outras cidades não eram diferentes, já que, eles cumpriam serviços domésticos, desenvolvendo atividades como artesãos, operários, prestadores de serviços ou negros de ganho. Assim afirma Theodoro (2008, p.27):

No Brasil, a abolição significará a exclusão dos ex-escravos das regiões e setores dinâmicos da economia. Em sua grande maioria, eles não serão ocupados em atividades assalariadas. Com a imigração massiva, os ex-escravos vão se juntar aos contingentes de trabalhadores nacionais livres que não tem oportunidades de trabalho senão nas regiões economicamente menos dinâmicas, na economia de subsistência das áreas rurais ou em atividades temporárias, fortuitas, nas cidades (THEODORO, 2008: 27).

Assim, diante do breve exposto, podemos compreender a indignação temática que é expressada em textos da época, partimos, portanto, para a análise do poema *Navio Negreiro* que descreve em forma poética o tráfico e as viagens nos navios negreiros. Sendo, por este meio, que Castro Alves, poeta da terceira Geração Romântica, denuncia tal absurdo e se posiciona contrário ao sistema escravista praticado pelos colonizadores portugueses.

### 3. O POEMA NAVIO NEGREIRO, DE CASTRO ALVES

Embora em 1850, a Lei Eusébio de Queirós estivesse em vigor (Lei que o objetivo era extinguir o tráfico de escravizados da África para o Brasil), ainda assim a prática do tráfico negreiro e escravização persistia bastante. Assim, a partir dessas situações, Castro Alves encontrava na poesia uma forma de expressar sua posição e indignação em relação a isso.

É inegável o fato que o Brasil foi um país que formou suas bases de desenvolvimento sob a égide do escravismo, na qual deixou marcas inapagáveis na história. Uma das formas de tal prática do sistema colonial consistia em trazer forçadamente os povos negros africanos para o país como mercadorias para o trabalho escravo, ou seja, prática essa chamada de tráfico negreiro. A forma como eram

transportados, eram em navios, chamados negreiros, onde viam amontoados nos porões e acontecia muitas vezes de muitos morrerem durante a viagem. Desde sua captura, período de viagem e chegada no Brasil, eram cruelmente maltratados e explorados, situação essa que continuava acontecendo quando eram postos em nos trabalhos quando chegavam no país.

Naquele período, diante de tantas barbaridades, incluindo essa prática, havia aqueles que repudiavam totalmente essa situação e lutavam para torná-la ilegal: eram os abolicionistas. Entre os que defendiam o abolicionismo, o poeta Castro Alves foi um deles. Ele construiu uma poesia sensível aos problemas sociais do seu tempo e defendeu as grandes causas da liberdade e da justiça.

Dito isto, entre as obras do autor, *Os escravos* (1883) é uma obra que traz poemas que denunciam a crueldade da escravidão e traz a reivindicação da liberdade, ou seja, sua poesia tem um grito explosivo a favor dos povos negros e, exatamente por isso ele ficou conhecido como “o poeta dos escravos”. A classificação de sua poesia é mais para o lado da poesia social na qual aborda o tema do inconformismo e da abolição da escravatura. Assim sendo, Castro Alves fez através de poemas um manifesto contra todo esse processo do tráfico e escravidão. Dentre tantos poemas que fazem denuncia a essa questão, *Navio Negreiro* é um poema que tem esse objetivo. Ele traz à tona o processo de como se dava tal prática, como por exemplo, os momentos de viagem para o Brasil e a demonstração de sentimentos dos povos trazidos, pois além de serem trazidos forçadamente e deixar para trás toda sua vida, seu país, eram maltratados das piores formas possíveis.

Quanto à sua estrutura, ele é composto por seis partes. A primeira parte é constituída por onze estrofes de quartetos. A segunda parte é de quatro estrofes e cada uma de dez versos. A terceira parte tem uma estrofe de seis versos. A quarta parte é composta por sextilhas de rimas emparelhadas e opostas estrofes de seis versos cada uma. A quinta parte é composta de nove estrofes e dez versos cada uma. E a sexta e última parte é composta por três estrofes de oito versos cada uma. Sendo assim, é nítido que não há um padrão de rima na estrutura, pois em algumas estrofes apenas dois versos rimam, ou seja, segundo e quarto. Em outros há esquemas de rimas ABAB, AABB e ABBA. Ou seja, percebe-se que a escrita do autor se apresentava com mais liberdade nas suas produções, isto é, diferente da maneira tradicional.

É nesta composição que Castro Alves tem o intuito de representar toda a situação do tráfico negreiro, destacando a crueldade da viagem, como se tivesse a visão de um pássaro que sobrevoa o navio. Sendo *Navio Negreiro* um poema discurso, em cada parte

tem uma finalidade e para atingir tal finalidade, o poeta utiliza vários recursos que serão mencionados mais adiante. Em suma, na primeira parte, o eu-lírico através da ave Albatroz, descreve tudo à sua volta, desde as belezas da natureza até o navio que ele avista, em que neste primeiro ele pensa ser somente mais um normal. Na segunda parte são apresentados marinheiros de diferentes países e suas particularidades nacionais. Com a ajuda do Albatroz e seu voo alto, é na terceira parte que tudo começa a ser revelado e carregado de indignação. Aqui, de repente todo o cenário é mudado, ocorrendo um contraste, pois o que antes estava sendo descrito belo, a cena daquele momento em diante será de cenas fortes e lamentáveis de maldade, ou seja, um choque do que realmente estava acontecendo. Na verdade, aquele era um navio negreiro, palco das mais horrendas situações sofridas pelos escravizados trazidos da África atravessando o atlântico durante a viagem para o Brasil. Na quarta parte, o eu-lírico descreve ainda mais nitidamente o que estava acontecendo ali, desde homens presos a correntes sendo chicoteados, mulheres maltratadas com crianças com fome, moças assustadas sendo arrastadas e idosos sendo açoitados. Tantas formas de maldade que se possa ter, ali acontecia. Na quinta parte o eu-lírico faz questionamentos a Deus sobre os horrores, além disso, questiona o mar para apagar com as suas ondas o “borrão”, além de fazer o mesmo pedido às figuras mitológicas como aos astros, noites e tempestades. Nos próximos estrofes, faz-se a comparação da vida de antes em solo africano, seu cotidiano, suas alegrias com o que estavam vivendo naquele momento de maldade e sofrimento. A quinta parte finaliza com a repetição da primeira estrofe, com as indagações a Deus de o porquê de tanta maldade, o que dá uma ideia de potencialização de declamação. Na sexta parte, ver-se o repúdio e indignação do eu-lírico à pátria brasileira por ser conivente com o sistema escravista na qual acontece tamanha barbaridade e injustiça. Já no final, ele encerra o poema convocando os heróis do passado para fazer alguma coisa, reverem o que fizeram. À Andrada, ele solicita que arranque a bandeira do mastro, símbolo da liberdade. E a Colombo, fechar a porta dos mares por onde passou para que assim não continue acontecendo a prática.

Falando sobre os recursos estéticos, Castro Alves assim como fez em outras obras, utilizou no poema *Navio Nегreiro* tais recursos para sua construção, e a partir disso dar à obra um sentido expressivo da mensagem a qual ele queria e a qual o poema faz referência. Esses recursos estéticos utilizados pelo o autor são: a exuberância da linguagem, a dramatização, hipérbolés, antíteses, contrastes e o apelo emocional. Diante da análise da obra que será desenvolvida em seguida, pode-se compreender que esses

recursos não foram empregados sem motivos, mas com uma finalidade, pois como sua intenção era manifestar sua indignação, estes ajudariam no objetivo. Perante isto, uma pergunta se faz, “Mas qual a importância desses recursos no poema? Bom, primeiramente, a exuberância da linguagem tem a estrutura de um poema linguagem, tem um papel de trazer emoções ao descrever os momentos absurdos das viagens que eram feitas e todo sofrimento do povo escravizado. Além disso, há uma linguagem exclamativa que expressa indignação e grandiloquência e ainda junto a isso, são usadas palavras pesadas e penosas que tem a intenção de impactar o leitor e demonstrar o mais claro possível, os horrores da situação. Segundamente, para a dramatização, o autor usa o contraste de cenários da primeira parte, que era o que parecia lindo e sem horrores com o que ele descreve dentro do navio negreiro, ou seja, o que para o eu-lírico era maravilhoso, depois do choque que toma ao ver os horrores, o cenário muda totalmente. E terceiramente, no apelo emocional, vem o detalhamento do que é visto fora e depois do que é presenciado no interior do navio, sendo eles o sofrimento e castigos. Além disso, o clamor presente no poema faz potencializar esse apelo. Diante dessa breve explicação sobre a importância dos recursos no poema, pode-se entender que eles são utilizados de forma estratégica na qual o poeta Castro Alves tem a intenção de potencializar essas denúncias do tráfico negreiro para assim chamar a atenção da sociedade para tais horrores.

### **3.1. Análise de partes do poema**

#### **Parte I (Explicação do que o eu-lírico via no início do poema)**

Bem feliz quem ali pode nest'hora  
Sentir deste painel a majestade!  
Embaixo — o mar em cima — o firmamento...  
E no mar e no céu — a imensidade!

Iniciando a análise do poema, basicamente assim como em toda a primeira parte como é representando por ela, esta estrofe destacada descreve o momento inicial, ou seja, pela visão do eu-lírico tudo a sua volta, o mar, a terra, o céu, a natureza. É importante destacar que o céu e o mar são apresentados por uma semelhança que é a infinitude. Pelos detalhes, isso dá uma noção ao leitor da imensidade desse espaço, visto que os elementos

descritos na cena dão essa ideia. Assim sendo, a primeira parte do poema é carregada de descrições do belo, mais especificamente, todo o cenário. Dessa forma, pode-se compreender que nesta divisão o autor utiliza a função da descrição excessiva do altamente encantador que é o cenário a sua volta. Lembrando que, assim como é nesta estrofe, é em todas as outras da primeira parte.

### **Parte III (Momento em que o eu-lírico ver o que realmente está acontecendo no interior do navio)**

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!  
 Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano  
 Como o teu mergulhar no brigue voador!  
 Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!  
 É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...  
 Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

Diante da descrição na parte I, após isso, na parte III todo o encanto do cenário descrito, dá lugar à real situação, mais especificamente, tudo dentro do navio que o eu-lírico estava avistando, as cenas de horrores. Percebe-se aqui também um recurso utilizado que é o contraste de cenas, pois no primeiro trecho enquanto ele descrevia algo extraordinário e belo, a partir da terceira parte, este será uma sucessiva descrição de cenas horrendas. Atendendo à solicitação e curiosidade do eu-lírico de saber o que se passava naquele navio, a sua visão através da ave Albatroz desce para assim ter uma melhor posição do que se ver. Quando o eu-lírico se aproxima, se espanta com a situação lamentável, pois diante de seus olhos, ele é testemunha das ações de atrocidades e de tormento contra os escravizados. É neste momento também que começa a questão do uso do recurso apelo emocional, em que o eu-lírico tem o objetivo de repassar ao leitor através da escolha do vocabulário, o toque e fazê-lo sentir suas mesclas de sentimentos tristes, de desespero e inconformidade, como por exemplo, nos trechos, “Mas que vejo eu aí... / Que quadro d'amarguras! / É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ... / Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!”. Além disso, uma outra estratégia que se pode identificar neste trecho é a questão dos usos de exclamações na qual dá ainda mais ênfase de total repúdio e indignação perante aos horrores de sofrimento presenciados. Vale destacar também e é notável que a partir daí ele começa a chamar por Deus, ou seja, ele emprega a figura de linguagem apóstrofe nessa construção para assim deixar mais tocante ainda o momento doloroso.

#### **Parte IV (Descrição do que o eu-lírico vê)**

Era um sonho dantesco... o tombadilho  
 Que das luzernas avermelha o brilho.  
 Em sangue a se banhar.  
 Tinir de ferros... estalar de açoite...  
 Legiões de homens negros como a noite,  
 Horrendos a dançar...

E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
 E da ronda fantástica a serpente  
 Faz doudas espirais ...  
 Se o velho arqueja, se no chão resvala,  
 Ouvem-se gritos... o chicote estala.  
 E voam mais e mais...

Na parte IV é descrita de forma mais detalhada ainda a situação no interior do navio negreiro. Homens, mulheres, velhos e crianças, todos presos numa mesma corrente, em que no momento sofrem violência, são chicoteados e por isso dançam. Na estrofe anterior o autor usou a apóstrofe, e nesta estrofe, assim como em algumas outras, faz uso das reticências, o que dá uma ideia de continuação da descrição de sua visão e do momento do acontecimento. Uma outra hipótese que se pode levantar é que esse uso pode ser entendido por repassar uma impressão de um sofrimento prolongado daqueles que eram castigados, vista ao que se presenciava naquele instante. O vocabulário escolhido também remete ainda mais o desperto ao apelo emocional, como por exemplo, “Em sangue a se banhar”, “Tinir de ferros... Estalar de açoites”, “Se o velho arqueja, se no chão resvala, Ouvem-se gritos... o chicote estala,...”. Ainda mais, percebe-se a metáfora do verso “Era um sonho dantesco,, tombadilho”, associado a cenas extremamente lamentáveis, horríveis. “A serpente faz doudas espirais”, referente ao chicote. A comparação também se faz presente na estrofe em que se destaca o trecho, “Legiões de homens negros como a noite”.

Há, além disso, a carga poética expressada pela música vinda do ranger de ferros e da orquestra de marinheiros que açoitam os escravizados e os fazem dançar. Dessa forma, há essa relação estabelecida entre a música e dança equivalente ao tormento e sofrimento daqueles na descrição. Infere-se também que aquele cenário deprimente, seria um show para o Satanás que rir de tudo aquilo.

**Parte V (Lembranças da vida em solo africano misturadas com a realidade que é o sofrimento)**

Ontem a Serra Leoa,  
 A guerra, a caça ao leão,  
 O sono dormido à toa  
 Sob as tendas d'amplidão!  
 Hoje... o porão negro, fundo,  
 Infecto, apertado, imundo,  
 Tendo a peste por jaguar...  
 E o sono sempre cortado  
 Pelo arranco de um finado,  
 E o baque de um corpo ao mar...

Senhor Deus dos desgraçados!  
 Dizei -me vós, Senhor Deus,  
 Se eu deliro... ou se é verdade  
 Tanto horror perante os céus?!...  
 Ó mar, por que não apagas  
 Co'a esponja de tuas vagas  
 Do teu manto este borrão?  
 Astros! noites! tempestades!  
 Rolai das imensidades!  
 Varrei os mares, tufão!...

Analisando a parte V, ver aqui o jogo das comparações, além da menção às lembranças versus uma realidade bruta. Na primeira estrofe é o que está descrito. O que vem primeiro é a descrição do cotidiano do Africano na África, sua alegria do dia-a-dia. Logo depois, já capturados, a descrição de um lugar onde estão em péssimas condições. Isso se explica pelos adjetivos “porão negro, fundo, infecto, apertado, imundo. Após essa comparação, o leitor é surpreendido por mais uma descrição de cena chocante no seguinte verso, “Pelo arranco de um finado, /E o baque de um corpo ao mar...”. Ou seja, isso quer dizer que, devido às más condições, pelos maus tratos, pela situação em que eram trazidos da África para o Brasil atravessando o atlântico, muitos não resistiam e acabavam morrendo. Quando isso acontecia, os mortos eram jogados no mar. Sem nenhuma sequer consideração. Está ação também está presente na poesia de Heine.

A outra estrofe da parte cinco é um momento destinado ao questionamento do eu-lírico à Deus do porquê de tanto sofrimento. A tamanha crueldade é tão grande que ele

chega a questionar se tudo aquilo é verdade. Além disso, a estrofe é completa pelo desejo dele de pedir ao mar e aos astros, que de alguma forma acabem com aquela situação funesta. Algumas figuras de linguagem podem ser observadas na estrofe, como metáfora da varredura do tufão ao mar. Outra metáfora, é entregue na estrofe, como, “Ó mar, por que não apagas Co'a esponja de tuas vagas /Do teu manto este borrão?”, isso remete de forma implícita, “as esponjas” referentes ao mar e o “borrão” a escravidão. As apóstrofes seguem sendo presentes na continuação do poema em que traz ao texto mais impacto, dramatização e ideia de ar declamatório pelo chamamento de Deus e dos astros a tomar alguma atitude.

### **Parte VI (Final do poema com cobrança de atitudes dos responsáveis)**

Fatalidade atroz que a mente esmaga!  
 Extingue nesta hora o brigue imundo  
 O trilho que Colombo abriu nas vagas,  
 Como um íris no pélago profundo!  
 Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga  
 Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!  
 Andrada! arranca esse pendão dos ares!  
 Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Na sexta e última estrofe, o eu-lírico finaliza sua denúncia ao sistema escravista e ações decorrentes, que em específico, no poema ele explana poeticamente de forma detalhada, o processo que era o tráfico negreiro. Nesta, é solicitado aos responsáveis que façam alguma coisa para que as tais ações tenham fim. É notável um uso frequente de exclamação tanto no começo e meio do poema, como nas estrofes finais, isso dá uma ideia de intensidade em que muitas das vezes se nota a indignação misturada com raiva e dor, e outras, de súplicas e desespero.

Em relação à escolha das palavras utilizadas do começo ao fim do poema, o autor busca relacioná-las para assim darem sentido à mensagem proposta. Assim diz Moisés (2007), “... as palavras do poema não são estáticas: num autêntico moto-contínuo, deslocam-se no poema obedientes a uma secreta lei de repulsão e atração, que se nos revela como ausência ou presença de afinidade ou analogia”. Isso é visível no poema, visto que em momentos diferentes, as palavras estão em serviço das ações apresentadas como a repulsão e atração, assim como presença de afinidade ou analogia. Quanto ao espaço e o enredo de navio negreiro, no poema, convém observar que a todo momento

ele descreve e em algumas vezes evocar no sentido de chamar, no caso do poema, ele chama por Deus. Assim, ainda de acordo com Moisés (2007, p.44):

... pois não é de enredo na poesia sua natureza narrar mas sugerir, evocar, descrever ou projetar emoções, sentimentos e conceitos a um só tempo. É que, como vimos, a poesia se compõe de "atmosferas", ou de uma sucessão de sistemas metafóricos, apenas localizados no espaço do poema (por sua vez impresso no papel), mas 'fora de qualquer geografia física. (MOÍSES, 2007, p. 44)

Com esta citação, finaliza-se aqui com a sexta parte, a análise do poema que como ficou evidente, Castro Alves soube brilhantemente expressar sua indignação e denuncia da prática descrita. Usou seu conhecimento de poeta e aplicou coerentemente e certamente no poema e a partir disso atingir seu objetivo de chamar a atenção para aquelas atrocidades.

#### **4. CONCLUSÃO**

Diante de tudo que foi discutido neste trabalho, conclui-se que o Romantismo foi e é bastante significativo para a sociedade, visto que é um movimento que alcançou várias áreas no campo artístico literário. Como se sabe, sua chegada ao Brasil foi bem depois de seu surgimento. Como já mencionado nas primeiras partes do trabalho e agora só recapitulando, sua origem se deu na Europa, mais especificamente na Alemanha nas últimas décadas do século XVIII. Surgiu em meio a Revolução Francesa e ele buscava um modelo, forma de se expressar. Durante esse período vários autores ficaram conhecidos. De uma forma objetiva, o movimento romântico, diferente do movimento que já existia antes dele, o classicismo que era caracterizado pela razão e objetividade, este carregava um ar de subjetivismo e sentimentalismo. Ele trouxe novas formas de pensar no campo literário. Conforme a evolução dos tempos e das coisas, aconteceu no meio desse período muitas ações, em que houve influência tanto dele em outros meios, como também recebeu influências de outras vias.

Em resumo, foi um período que cativou o sentimentalismo e a criatividade e pela escrita literária foram expressados. Vale considerar também que, no contexto europeu, Vitor Hugo, foi um grande nome que se destacou, pois em várias de suas obras descreveu a condição do ser humano. A escrita e a política foram um meio de deixar explícito as

coisas injustas da sociedade. Com essas atitudes, conquistou a admiração e foi inspiração dos poetas da Geração Condoreira.

No Brasil, antes do movimento realmente acontecer no país, tinha-se o movimento pré-romântico em que as ideias ainda vinham do século XVIII, tendo ainda resquícios da estética clássica, além de ter sido um período de grande influência dos franceses. Quando realmente ele se estabeleceu no país, foi um momento de suma importância, pois procurou alavancar voos nas diversas áreas, entre elas a literária e mudar o que já não era considerado mais tão do momento. Em resumo, ele foi um artifício de ação social e política. O que antes a produção literária não era livre, a partir daquele momento, a contribuição foi significativa para essa autonomia literária.

Falando brevemente de suas fases, é importante ressaltar que o período foi dividido em três fases na qual cada uma teve sua relevância. Dentre vários autores importantes da última fase, saiu dessa geração, o brilhante poeta Castro Alves, considerado o grande nome da terceira fase. Um poeta que expressava em suas obras os problemas e causas sociais. Contrário ao sistema escravocrata que ainda era vigente no momento, e simpatizante da causa abolicionista, ele compôs o poema *Navio Negreiro*. Castro Alves como um grande poeta social, e como já discutido, não escreveu o poema sem uma finalidade, mas sim com um objetivo, como uma forma de denunciar e mostrar seu repúdio a escravidão. Para isso, ele utiliza no poema estratégias de construção, ou seja, recursos estéticos que potencializam expressamente a mensagem ao leitor.

Compreende-se, portanto, a importância da poesia, da literatura na sociedade, pois não é somente um trabalho de rimas, de expressar sentimentalismo, de somente escrever, mais sim, através dela pode-se fazer uma manifestação, um ato de discussão, reivindicar, expor, denunciar, entre outras coisas, assim como fez o poeta.

Castro Alves expressou de forma poética a sua indignação, sua revolta. Descreveu em ricos detalhes o processo do tráfico negreiro, mais especificamente, as viagens de quando os africanos eram trazidos forçadamente da África para o Brasil e desde esse momento de captura, sofrerem as maldades mais tenebrosas e cruéis.

Diante da discussão, conclui-se aqui que, dentro do movimento romântico, vários escritores, como os já mencionados anteriormente, trouxeram uma escrita inovadora, em especial, a Geração Condoreira, que apresenta uma poesia social e detalhada indicadora da verdade. Assim, pode-se compreender que a literatura é um dos caminhos para a luta de um mundo melhor, por uma sociedade mais unida e igualitária, um espaço onde são respeitadas as diferenças, a pessoa que se é e sua luta.

## 5. REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Os Escravos**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Editora Cultrix, 1994.

Candido, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. v. 2, 1836-1880.

CASES, Mirna Cristiane; RODRIGUES, Maria Aparecida Roxo. **O MOVIMENTO ROMÂNTICO-IDEIAS E IDEAIS DOS ROMÂNTICOS**. Centro Universitário Leonardo da Vinci- Uniasselvi. LITERATURA BRASILEIRA: DO PERÍODO COLONIAL AO ROMANTISMO - Prática Módulo V, 20/ 11 /2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/32793693/O\\_MOVIMENTO\\_ROMANTICO.pdf](https://www.academia.edu/download/32793693/O_MOVIMENTO_ROMANTICO.pdf). Acesso em 11/05/2023

CARIELLO, Rafael; PEREIRA, Thales Zamberlan. **Adeus, senhor Portugal: crise do absolutismo e a independência do Brasil**. Companhia das Letras, 2022.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil: era romântica**. São Paulo: Global, 2004.

DUARTE, Pedro. **Estio do tempo: romantismo e estética moderna**. Rio de Janeiro, Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2011

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. Romantismo: a formação da literatura brasileira. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**, v. 2, p. 1-12, 2012. Disponível em: [http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/ROMANTISMO-A-FORMA%C3%87%C3%83-DA-LITERATURA-BRASILEIRA\\_j%C3%BAlio-fl%C3%A1vio.pdf](http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/ROMANTISMO-A-FORMA%C3%87%C3%83-DA-LITERATURA-BRASILEIRA_j%C3%BAlio-fl%C3%A1vio.pdf). Acesso em: 16/05/2023

GOMES, Eugênio. **Castro Alves e o Romantismo Brasileiro**. In: **ALVES, Castro. Obra completa em um volume**. Rio de Janeiro: Editora José Aquilar, 1996.

HEISE, Eloá. **Heinrich Heine e Castro Alves: diversidade na convergência.** *Pandaemonium Germanicum*, n. 2, p. 23-33, 1998.

<https://www.academia.org.br/academicos/castro-alves/biografia>. Acesso em 11/05/2023

[https://www.tst.jus.br/memoriaviva/-/asset\\_publisher/LGQDwoJD0LV2/content/ev-jt-80-02](https://www.tst.jus.br/memoriaviva/-/asset_publisher/LGQDwoJD0LV2/content/ev-jt-80-02). Acesso em: 11/05/2023

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/04/13/perto-do-fim-da-escravidao-60-dos-negros-trazidos-ao-pais-eram-criancas.htm>. Acesso em: 18/05/2023

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57575496>. Acesso em: 18/05/2023

LEITE FILHO, Normando Martins. **O Romantismo.** Clube de Autores, 2012.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária.** São Paulo: Cultrix, 2007.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda.** Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz; VISENTINI, Paulo Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. **História da África e dos africanos.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

REDIKER, Marcus. **O navio negreiro: uma história humana.** Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

REIS, Fabricia Carla Xavier dos. **Castro Alves e a terceira geração romântica brasileira, a Semente do realismo.** 2017. Disponível em: <http://repositorio.fucamp.com.br/handle/FUCAMP/222>. Acesso em: 15/05/2023

ROSENFELD, Anatol; GUINSBURG, Jacó. **Romantismo e classicismo.** v. 2, 1978.

RIBEIRO, Raquel Alexandra Oliveira da Silva. **Romantismo: contextualização histórica e das artes**. Tese de Doutorado. Instituto Politécnico de Castelo Branco. Escola Superior de Artes Aplicadas, Portugal, 2010.

SILVA, Ellis Angela da. **Castro Alves, o poeta romântico social**. Atibaia, São Paulo, 2017.

THEODORO, Mário (org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008.

WOLF, Ferdinand. **O Brasil literário**. Tradução de Lúcia Miguel Pereira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1964.